

## Guidar a tempo

**A** excelente modalidade que é o andebol vai ter, no decorrer deste fim de 1950 e durante 1951, grandes responsabilidades a enfrentar; maiores do que todas as do seu prestigioso passado: em 14 de Dezembro, Portugal-Espanha em Madrid e, no domingo seguinte, 17, Madrid-Lisboa; em 1 de Janeiro, retribuição de visita dos espanhóis ao Porto; finalmente, em meados de Março, França-Portugal em Bordéus.

Como se verifica por esta indicação de datas, os encontros da temporada internacional escalonam-se partindo dos primeiros meses de actividade habitual do andebol português. É arriscado e, para evitar fracassos desagradáveis é indispensável precipitar os acontecimentos, levando as associações regionais a começarem muito mais cedo os respectivos campeonatos. Estamos, porém, em meados de Setembro, a época só abre em Outubro e, porque nada ainda se avançou, nada praticamente se poderá pôr em marcha antes de um mês.

E' muito tempo perdido. A Federação deveria comunicar imediatamente o seu calendário, solicitando das associações a intervenção junto dos clubes seus filiados, no sentido de anteciparem tanto quanto possível a preparação das suas equipas. Se assim não for, corremos o risco de não ter, em 14 de Dezembro, jogadores em forma para constituir uma selecção nacional condigna.

Não menos prezamos o valor dos adversários; os franceses, no seu país, hão-de querer desforrar-se de uma derrota muito difícil de encaixar e os espanhóis, que sempre se escusaram a bater-se conosco, se agora o aceitam é porque se julgam senhores da situação e apoiados nos consideráveis progressos alcançados desde a vinda da Alemanha de um treinador federal.

Tudo deve correr satisfatoriamente se nos prevenirmos com tempo; mas o tempo urge, cada dia perdido é já um prejuízo certo.

## UMA OPINIÃO

# OS TRÊS DEFEITOS da partida livre

**P**ROSSEGUINDO nas considerações sobre a «Partida Livre», justifico o meu parecer desfavorável acerca da nova modalidade xadrestica, indicando os três factores que originam o meu desagrado e que são: *Pedagogia, variedade excessiva e a minha convicção de que a «Partida Livre é impraticável em torneios de categoria!*

Costa Moreira observando estes mesmos factores sob outro prisma, é de opinião diferente: o estudo memorizado das aberturas é um defeito — eu sustento que é a melhor arma da pedagogia do xadrez; o sistema da Partida Livre dá ao jogo uma variedade que o Xadrez clássico já não possui — e eu afirmo: pois é essa variedade, por excessiva, que mata o interesse pela «Partida Livre». Reformemos o ritmo do lance, porque quatro ou cinco horas é muito — preconiza Moreira. E eu replico: a «Partida Livre» vem agravar esse sistema!

Vou tentar explicar os meus pontos de vista:

### A pedagogia no xadrez

Já no último número da «Stadium» abordei este problema. A teoria das aberturas é uma arma de dois gumes. Costa Moreira e os seus partidários têm plena razão quando afirmam que muitas partidas de responsabilidade se decidem na abertura, sem que o mérito da vitória não tivesse sido outro senão o poder de memória do vencedor, por se limitar a reproduzir na sua própria partida os lances que «viu» fazer num jogo descrito no livro. O Xadrez por correspondência, mais do que qualquer outro, é atreito a especulações de tipo livre. Alguém crismou até este género de competição, com certa graça, de *bombardeio entre dois arquivos...*

Foi para remediar este estado de coisas que Costa Moreira inventou a sua «Partida Livre». Pretendia assim remediar um mal que só existe na sua mente e na daqueles que consideram uma grande «estopada» aprender algo da teoria das aberturas e que consideram ainda pouco próprio a desigualdade que representa um encontro entre um xadrezista que «decorou» as aberturas e outro que as ignore.

Ora neste desnível nada vemos que ofusque a ética desportiva. Em todos os jogos, é legítimo o aperfeiçoamento mediante a assimilação de conhecimentos técnicos na máxima medida possível. Lá porque no Xadrez esse conhecimento pode ser elevado a alto ponto, por possibilidade de memorizar as fórmulas de bem jogar, será caso para repudiarmos as vantagens que advêm desse estudo? É preciso não esquecer que é principalmente o estudo

das aberturas, «memorístico» ou técnico, que incute no amador o gosto pela análise e o leva a aprofundar todos os seus conhecimentos técnicos, táticos e artísticos do Xadrez.

A concepção do jogo de um xadrezista que já folheou os tratados difere muito da do amador que só conhece o Xadrez de o jogar no «café» ou em casa, com a família...

O estudo das aberturas é pois um factor pedagógico de imenso valor para o aperfeiçoamento técnico dos jogadores — que na Partida Livre é repudiado e portanto a sua ausência um defeito numa modalidade que pretende equiparar-se ao verdadeiro Xadrez!...

### Variedade em excesso

Este é um factor de natureza psicológica. Nos amadores que se iniciaram com o «virus» da Partida Livre pouco influiu. Mas naqueles que penetraram já no mundo policromo da Teoria das Aberturas exerce uma influência tremenda...

Supondo que a «Partida Livre» progredia (o que não admira pois há muito campo virgem onde poderá germinar...), a sua aceitação no meio aficionado devesse esbarrar justamente com a reacção instintiva desses elementos.

Habitados à fascinação desse capítulo do Xadrez, que lhes permite diferenciar os variados tipos de partida, mediante o conhecimento mesmo superficial da nomenclatura das aberturas, esses xadrezistas dificilmente suportarão a ideia de adoptarem um jogo cuja variedade de esquemas de aberturas jamais poderão abranger, por muito estudo que lhe dediquem. Todas as tentativas nesse sentido devem redundar em saturação, visto não existir nenhum compêndio nem inteligência humana capaz de dominar, com sentido prático, todas as inculcáveis hipóteses que dão origem mais de um milheiro de posições diferentes para começar uma partida.

Esta impotência em nada corre, parece-me, para a popularidade do jogo num carácter acima do simples passatempo...

### A «partida livre» é impraticável em torneios

Esta minha opinião baseia-se no seguinte facto: o tempo de reflexão usual nos torneios de grande envergadura é de 2 horas e meia para os primeiros 45 lances, a cada jogador.

Na generalidade este tempo é esgotado, isto é, não é demais, porque os jogadores sentem a necessidade de o utilizar até ao limite. De facto, as múltiplas combinações com que deparamos a cada lance, obrigam a pon-

## UM ESPANHOL EM FRANÇA



**D**E passagem em Madrid a caminho de Toulouse Vaquero, avançado-centro do Valladolid, fez declarações sensacionais a um jornalista.

Disse que vai para França para incutir no espírito dos gauleses a clássica «fúria» do futebol espanhol. Mas, a verdade é que Vaquero alinha no Toulouse porque conseguiu um excelente contrato: cinco milhões de francos por duas épocas e mais 80.000 francos de ordenado mensal. Além disto, Vaquero afirmou que o futebol espanhol deve ser «injectado» no jogo francês afim de se obter um futebol de «raça» apurada e excelente. Vaquero foi até, agora, o espanhol que melhor contrato obteve em terras de França. Seria pelas suas afirmações?...

deração profunda, especialmente se se trata de xadrezistas de grande categoria ou de encontros «internacionais» com todo o seu peso de responsabilidades...

Ora este período de reflexão não é gasto num ritmo certo. Geralmente, poupa-se tempo nas aberturas, por as conhecer de antemão (não quer dizer que se as jogue maquinalmente, claro!), recaído a economia de tempo na altura crucial da partida (entre a abertura e a final). Imagine-se agora o que será a «Partida Livre» jogada por dois mestres, a terem que reflectir profundamente desde o primeiro lance. Não bastariam duas horas e meia, com certeza... Nem talvez três horas, para que os jogadores pudessem actuar no ritmo a que estão habituados...

Enfim, é um problema que só a prática poderá demonstrar. De qualquer modo, as aparências não são muito animadoras.

E se a «Partida Livre» não conseguir consagrar-se neste e noutros aspectos da competição, jamais poderá ultrapassar o restrito meio em que hoje vive, e, assim, terá inexoravelmente o fim inglório de tantas outras tentativas de reformar o velho e altaneiro Xadrez.

VASCO SANTOS

Conte em imagens a graça e a vida exuberante de seus filhos, usando LUMIÈRE

### Campeonato de Futebol do Atlântico

Na segunda quinzena do próximo mês de Fevereiro realiza-se o célebre Campeonato de Futebol do Atlântico, no qual participam oito equipas de futebol e todas elas do continente sul-americano. Os grupos já designados são os seguintes: duas do Uruguai — o Peñarol e o Nacional; quatro argentinas — Racing, San Lorenzo de Almagro, River Plate e Huracán; e duas brasileiras — o campeão e sub-campeão do Brasil.